

VIVER COM ALMA

Eu sou...

... corpo e mente, presente! De nome Ricardo, trago em meu corpo um mapa. Mapa esse a olho nu, à superfície, no qual se veem cicatrizes de um passado que não o posso negar, não o posso esquecer e aceito-o da forma como foi, aliás, como é. Em profundidade, vê-se e sente-se uma essência inegável de amor, em relação direta entre corpo e essência, vivo em prol de um futuro com menos camadas, que o vivamos num núcleo de ser!

Sou mais do que uma história, mais do que simples experiências, eu sou essencialmente!

Como me sofreste, filho

Era dia 7 de abril de 2009, terça-feira da semana de Páscoa, tinha sido um dia muito cansativo, mas produtivo. Por volta das 23h00, quando acabei o meu trabalho, o teu tio Bruno bateu à porta de nossa casa, com uma expressão assustada no rosto. E com uma voz ténue disse-me que tu tinhas acabado de sofrer um acidente de carro e que estavas com ferimentos graves. Senti-me gelada, arrepiada... De imediato, desatei a correr para chamar o teu pai e fomos ver o que se passava.

Entrei e segui rapidamente no carro com o teu tio Bruno, não conseguia perder nem um segundo que fosse.

O acidente ocorrera na rua da nossa futura casa, que ainda se encontrava em construção. Ele parou o carro um pouco mais abaixo do local onde ocorrera o embate, e eu, ao olhar em direção aos carros, fiquei aterrorizada ao ver o cenário com que me deparei. Ao cimo da rua estava tudo em chamas; corri e vi o Zé Luís no chão, com os pais dele. Estava visivelmente assustado e queixava-se das mãos. Perguntei-lhe por ti e o que tinha acontecido, mas ele encontrava-se de tal forma em choque que não dizia nada. Foram os pais que me responderam, dizendo que estavas junto ao carro.

Subi mais um pouco a rua e a nossa amiga Isabel veio ao meu encontro, pois não queria que eu visse o que estava a acontecer. Eu estava aflita e incapaz de aguentar com aquilo que via, e acabei por magoá-la, segundo ela, dando-lhe dois murros no peito, atos de que não tenho grande recordação. Ela apenas me disse que tinha de ter “força, muita força!”

Quando te vi ainda deitavas fumo. Estavas no chão, só com as calças e sapatilhas. A tua cabeça não tinha cabelo e estava toda em ferida. O teu olho direito estava com a pálpebra virada para cima. Tinhas as orelhas, os braços e as mãos queimadas, mas só te queixavas do braço esquerdo. Tinhas também queimaduras localizadas no tronco. As tuas pernas estavam com as calças, pelo que não se viam queimaduras, apenas as tuas sapatilhas um pouco sujas. Pediste água, mas ninguém tinha (e ainda bem). Eu apenas te podia tocar nas pernas e dizer para teres calma. O papá ficou completamente desorientado!

Chegaram os bombeiros, levaram-te para a ambulância e entubaram-te de imediato.

Comunicaram que já não sentias nada, pois já te haviam sedado.

Os carros ainda ardiam, só restou chapa, quase tudo desapareceu.

Entretanto, chegou o teu irmão, o teu primo Zezito, o tio Luís e a tua amiga Ana, que me deu um comprimido para pôr debaixo da língua. Estavam mais pessoas ali ao nosso redor, assim como a polícia.

Um dos agentes insistia em fazer o teste do álcool, mas o bombeiro não deixou, pois não estavas em condições de o fazer. Teria de te acompanhar até ao hospital e lá facultariam os resultados dos exames.

Arrancámos para o Hospital de S. João atrás da ambulância em que tu seguias, com o tio Luís. Numa rotunda em Avintes, a ambulância parou... Tinhas tido uma paragem cardiorrespiratória. Foram minutos aterrorizantes, mas, felizmente, conseguiram estabilizar-te e avançámos. Na chegada ao hospital, o tio Luís parou e eu corri até junto de ti, ainda dentro da ambulância.

Entrámos e levaram-te para uma sala, enquanto nós fomos encaminhados para outra. Era uma sala minúscula, apenas tinha duas cadeiras e uma mesa tipo de café e um pequeno armário. Ficámos algum tempo sozinhos, só nós os dois, eu e o papá. O tio Luís estava no corredor e, quando foi ter connosco, disse que te tinha

visto numa mesa com cortes pelo corpo todo, para que os líquidos saíssem, pois começaste a inchar.

Dois médicos jovens vieram falar connosco. Disseram para nos prepararmos para o pior, pois as queimaduras eram profundas e extensas. Não aguentei, senti-me mal, levaram-nos para outra sala, ao lado da tua, e tentaram sedar-me, mas nada fazia efeito.

Aquilo não me podia estar a acontecer, eu não aceitava aquele diagnóstico. Eu precisava de ti! Não fazia sentido! Eu tinha estado a falar contigo e, de um momento para outro, já não estavas cá?! Não podia ser!

As enfermeiras foram umas queridas, mesmo que não me lembre de ninguém.

Ao tio Luís disseram que provavelmente só terias duas horas de vida, era o prognóstico.

Convenceram-nos a regressar a casa. O tio Luís ligou à Nela, a contar o que se estava a passar. Entretanto, chegámos a casa por volta das 5h00, e estavam lá o Zezito, a namorada e a Nela, juntamente com os teus irmãos.

Mais ninguém sabia, só na manhã seguinte é que contámos aos teus avós e às tuas tias lá de casa.

Por volta das 9h00, fomos novamente ao hospital. Na receção, não nos deixavam entrar, mas depois de tanto insistir, lá conseguimos. Estavas no 7.º piso, na Unidade de Queimados. Uma médica veio falar connosco, dizer como estavas, e aconselhou-nos a não te ver... Mas eu queria! Ainda assim, não “deixaram”.

Continuavas em estado crítico, ligado ao ventilador, os teus “pulmões” não respiravam sozinhos, estavas em coma induzido...

Foi então que ouvi a frase, dita pelos médicos, que marcou até hoje a nossa vida: “Se acredita em algo, rogue, porque das nossas mãos já não há nada a fazer.” E assim fiz. Na altura, tinha dois números de telemóvel e escrevi a seguinte mensagem para enviar a todos os contactos de cada um deles:

Hoje o meu filho está no hospital, vítima de um acidente de automóvel, os médicos dizem que agora vai depender do corpo dele reagir aos tratamentos para sobreviver. Perguntaram-me se eu tinha fé, se acreditava e que pedisse. Pois bem, preciso de ajuda, por favor, acendam uma vela e rezem um pai-nosso, o meu filho precisa de energia positiva. Enviem para todas as pessoas que conhecem e vamos criar um cordão humano de fé. Obrigada!

A noite

Sentia-me ansioso. Já tinha permissão legal para conduzir automóveis e chegou o dia, ou melhor, a noite, pois eu tinha um horário noturno, em que, pela minha primeira vez, teria de ir sozinho de carro para o trabalho. Normalmente, ia com uns amigos. Mas, nessa noite, teria forçosamente de ir sozinho. Estava um pouco receoso, já que eu tinha tirado a carta duas semanas antes, e era a primeira vez que pegava no carro do meu pai. O facto de ter de conduzir de noite e ter de regressar às nove horas da manhã e conduzir pelo meio do trânsito matinal característico das principais vias do Porto assustava-me.

À noite, o meu amigo Zé foi lá a casa jantar, como habitualmente. Contei-lhe o quão ansioso eu estava. Ele, com o seu jeito brincalhão, tentava de tudo para que eu relaxasse. Afinal de contas, estar naquele registo não era saudável e não ia mudar nada. No meu âmag, a ansiedade continuava a mordiscar.

Durante o jantar, o Zé recebeu um chamada com um convite para ir jogar à bola. Eu, obviamente, não podia ir, já que tinha de trabalhar. Ele disse-me que queria ir, mas não como ir nem equipamento. A questão do equipamento era fácil de resolver, pois o que não me faltavam eram calções e *t-shirts*. Já quanto ao transporte até ao pavilhão, eu não podia ajudar.

Depois de alguns telefonemas, ele encontrou uma solução. Se eu o levasse até uma certa paragem, alguém passaria por lá para o recolher e levar até ao pavilhão. Não havia problemas da minha parte, porque eu passaria ali de qualquer forma, já que se tratava do meu trajeto habitual na ida para o trabalho.

O jantar prosseguia e todos conversavam uns com uns outros, mas eu ali só estava quase de corpo presente. Embora estivessem aparentemente calmos, e existisse ali uma grande paz, eu estava muito ansioso. Tentava ligar-me com a conversa, para não pensar demasiado, mas era difícil. Cada garfada que levava a boca parecia que não ia passar dali, que não chegaria ao estômago. Apesar de não estar cheio, parecia que tinha um nó que não queria deixar passar mais nada. Sem razão aparente para estar assim!

Chegava a hora. Saco pronto para levar para o trabalho, chaves na mão e um beijo de até amanhã aos pais. Escuto as palavras da minha mãe: “Faz boa viagem.” Sinceramente, já não me sentia tão nervoso. Talvez por o Zé ir a meu lado. Enquanto conversávamos, eu conseguia controlar a ansiedade. Arrancámos, tudo dentro da normalidade e, minutos depois, sem saber muito bem como, deu-se um embate...

Tinha acabado de me despistar. Não sei o que se passou. Senti o carro a fugir de uma forma descontrolada, quase como se uma mão tivesse dado uma guinada no volante, e o carro só parou no momento em que uma das laterais traseira encontrou a frente de um veículo que vinha em sentido contrário.

Combalido com o acidente, tentei perceber o que se passara para que tal acontecesse. Tudo decorria quase como se fosse uma cena de um filme, tudo em câmara lenta. Recordo-me de ouvir o Zé gritar repetidamente: “O carro está a arder e a porta não abre.” *A arder?! A porta não abre porquê?!*, pensava eu, incapaz de conseguir identificar o risco que corríamos. Só tentava ver onde é que ardia. Não via nada. Ele repetia: “Sai, o carro está a arder e a minha porta não abre.” Eu continuava desorientado... *Como é que o carro fugiu daquela forma? O que é que se está a passar aqui?! O carro está a arder, como... o meu, o outro?*, pensava, a tentar encontrar-me no meio de toda aquela confusão. A certa altura, ele, mais consciente do perigo, passou por cima de mim e disse-me: “Anda, sai que o carro vai explodir.” Correu, com a ideia de que eu o ia acompanhar.

Mas isso não aconteceu. Enquanto tomava consciência do que tinha acabado de suceder, vi pequenas labaredas que apareciam e desapareciam por baixo, percorrendo o carro de trás para a frente. Tinha eu visto bem?! *O carro está a arder?! Sim, o Zé tinha razão.* As labaredas apareceram com mais força e já não desapareceram mais, o que me fez acordar e pensar *tenho de sair daqui.* Instintivamente, com a mão esquerda tento afastar o cinto do peito, enquanto com a direita tento desprendê-lo. As chamas começaram a ficar mais intensas, e eu era incapaz de retirar o cinto. Sempre que levava uma das mãos, na tentativa de me desprender, queimava-me mais. A outra mão sempre a tentar puxar o cinto. As chamas começaram a galgar as costas do meu assento. Aflito, puxava o cinto com uma mão e com a outra sacudia-me na tentativa de me proteger. Não via maneira de escapar. *Vou ficar aqui!*, pensei por um momento, até que... Apareceu alguém, de seu nome Josué e, sem pensar que o carro podia mesmo explodir, decidi, com auxílio, retirar-me do interior do carro. Já do lado de fora, de pé junto ao carro, vejo os meus salvadores sacudirem-se das pequenas mazelas que sofreram provocadas pelas chamas.

Após ter sido retirado, decidi de forma pouco consciente debruçar-me para o interior do carro, com o objetivo de pegar na carteira que se encontrava junto à alavanca de velocidades, para salvaguardar os meus documentos pessoais.

Puxaram-me imediatamente pelas pernas para fora do carro e levaram-me para uma zona de segurança. Obrigaram-me a deitar no chão enquanto aguardávamos pelos bombeiros. *O que é que eu fiz?*, pensava, enquanto aguardava deitado.

Começaram a acumular-se algumas pessoas naquele local e ao meu redor. Não tenho muito presente quem ali esteve. Quem vinha conhecia-me e falava comigo para me tentar acalmar e perceber se me estava a sentir bem.

De repente, ouço uma voz muito familiar a gritar o meu nome. “Ricardo!” Era o meu pai. Ajoelhou-se junto a mim, lamentando-se

ao ver o meu estado. Subitamente, também a minha mãe ali estava. “Filho”, foi a palavra que me mais me marcou nessa hora. “Eu estou bem”, dizia-lhes na tentativa de os confortar. Apenas sentia um pouco de dor no meu braço esquerdo e sede. Sim, sentia muita sede. Já tinha pedido água a algumas pessoas, que me respondiam que não tinham. Eu dizia-lhes para irem um pouco mais abaixo daquele local, onde encontrariam uma casa do lado direito, e que pedissem. Era a casa dos meus tios e eles certamente não iriam recusar dar-me água. Responderam-me que alguém já teria lá ido e que em breve teria água, mas tinha de me acalmar.

Tentei várias vezes olhar para trás. Estava preocupado com o estado do carro. No entanto, ninguém me queria deixar ver e apenas diziam para não me preocupar com nada disso, tudo se resolveria.

Começava a relaxar. Sentia-me muito cansado. A minha mãe sempre ali, junto a mim, com palavras carinhosas e de conforto repetia “a mamã está aqui”, enquanto metia as mãos por dentro das calças massajando a parte inferior da perna esquerda.

Em redor apenas confusão e o barulho das labaredas intensas que consumiam os dois carros. Perguntei pelo meu amigo, e a única resposta que obtive foi que não me preocupasse, que ele estava bem.

Chegaram os bombeiros ao local. Vieram imediatamente ao meu encontro. A partir desse momento, recordo-me de pouca coisa. Perguntas, fizeram bastantes. Ouvi o meu pai a exaltar-se pela insistência de um guarda para que eu soprasse ao balão e eu pedi-lhe que viesse para junto de mim.

O percorrer da maca até junto da ambulância...

O inclinar da maca, enquanto era colocado dentro do veículo, permitia ver o aglomerado de gente, luzes intermitentes, o clarão e o fumo dos carros que ardiavam...

Já lá dentro, a tentativa dos bombeiros para que me mantivesse de olhos abertos, acordado, mas estou tão cansado.... A luz branca do tejadilho... e...

A última imagem que tenho, pouco clara, quase como se fosse uma cena de um filme em que se evoca um sonho, foi de as portas da ambulância a serem fechadas. Mas não era no local do acidente. Onde é que eu estava?!